

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**FORTALEZA DOS REIS MAGOS E IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA  
DA APRESENTAÇÃO: SOB O OLHAR DA HISTÓRIA E DA LÍRICA  
NATALENSES DO SÉCULO XX**

**CLÍCIA MARIA E BARROS**

**NATAL /RN**

**2004**

**CLÍCIA MARIA E BARROS**

**FORTALEZA DOS REIS MAGOS E IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA  
DA APRESENTAÇÃO: SOB O OLHAR DA HISTÓRIA E DA LÍRICA  
NATALENSES DO SÉCULOXX**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História do campo e da cidade, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do professor doutor Hélder do Nascimento Viana.

**NATAL (RN)**

**2004**

*Certo é que a natureza nada vale sem o clarão da sensibilidade humana. Somente alegria, mágoa, decepção, fé, transfiguram montanhas, rios, mar, várzeas e florestas, recriando, no plano da inteligência, as potências sugestivas da forma que vencerá o Tempo.*

Luis da Câmara Cascudo

*Aos amados filhos Carolina Maria e Marcus  
Vinícius.*

## Agradecimentos

*A Deus, luz do mundo.*

*A meus pais, sempre presentes.*

*A meus filhos, continuação da minha história.*

*Aos meus irmãos, elos da vida.*

*Aos professores, eternos mestres.*

*Ao meu orientador, bússola nessa viagem.*

*Aos amigos, imprescindíveis.*

*Ao Patrimônio Cultural, cujo valor possibilita  
comunhão dos povos.*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>07</b>
<b>1. ENTRE O RIO E O MAR: eis que surge uma fortaleza</b>	<b>18</b>
<b>2. IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO: um marco para Natal</b>	<b>29</b>
<b>3. NATAL: passado e presente intermeiam-se na lírica de uma história</b>	<b>36</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>50</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>53</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

“Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela marca para o resto de nossas vidas. Sobre essa representação, que é para cada um de nós uma descoberta do mundo e do passado das sociedades, enxertam-se depois opiniões, idéias fugazes ou duradouras, como um amor, mas permanecem indelévels as marcas das nossas primeiras curiosidades, das nossas primeiras emoções”.<sup>1</sup>

Marc Ferro

Esta escrita pretende analisar, numa abordagem histórica que se permita entrelaçar pela lírica literária, duas das grandes edificações de Natal. A primeira é representada pela Fortaleza dos Reis Magos, marco da construção militar e ponto de partida para a conquista da capitania do Rio Grande. A segunda, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação que assinala o nascimento da cidade.

Descrevê-los como importantes representações do patrimônio local, buscando perceber de que maneira a lírica natalense os concebeu ao longo do tempo e, mais precisamente, no século XX. Em se tratando de lugares que remetem à memória, não parece tarefa fácil. Exige extrema habilidade que, provavelmente, só um nauta embriagado pela paixão, se arrisque em tal empresa. Sem tamanha pretensão, encarar-se-á, com todos os riscos a ele inerentes, esse desafio como há de ser sempre o trabalho do historiador diante de seu objeto de investigação. Às vezes é impossível dissociar dos seus próprios sentimentos. Para o escritor que a propósito abre esta introdução, sempre há de permanecer em nós “as marcas das primeiras emoções”. Acredita-se ser esta uma importante atividade a que os historiadores se dedicam, reconstruir o passado estabelecendo

---

<sup>1</sup> FERRO, Marc. A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação. A História dos Dominados em Todo o Mundo. São Paulo: IBRASA, 1983, p. 11.

suas relações com a atualidade, identificando permanências e/ou transformações que acabam por moldar a história.

Pensa-se, em correr o risco, enfrentar o desafio e tentar fazer esta análise histórica, vinculando-a sempre que possível à literatura, como meio de perceber a perenidade, a atemporalidade, a singularidade que um monumento pode expressar. O pensador para o estudo da cultura escrita, Roger Chartier discorre em um de seus escritos:

“Porque há historiadores que se interessam em fazer leituras das obras literárias, mas frequentemente sem sucesso, pois as liam como se fossem um documento singular que ilustrava os resultados ou corroborava o que as fontes e as técnicas clássicas da história tinham mostrado. Assim, é leitura redutiva, puramente documental e que destrói o próprio interesse de se confrontar com a literatura. Para concluir, talvez possamos estabelecer estes dois temas de discussão tendo em vista estarem vinculados. Por um lado, o retorno da história sobre si mesma, pensando em sua dimensão literária; por outro, a literatura como objeto possível ou necessário da investigação histórica. Estas duas correntes, que talvez se desenvolvam de modo separado, confluem agora na pergunta sobre o estatuto da história, que sempre vincula a fórmulas literárias, e com enfoque histórico que faz pensar que é possível produzir uma inteligibilidade mais densa, mais complexa e mais rica das obras literárias.”<sup>2</sup>

Percebe-se ser o passado um eloquente elo com o presente e isto se dá através de seus testemunhos, sejam orais, escritos, pensados, pintados, erguidos a partir da pedra ou do barro. Nesse passado, impregnado de uma história, também se pode buscar as fontes para estudos que nos permitam concebê-la como a que expressa uma sucessão de fatos que se relacionam a várias épocas e se sobrepõem num determinado espaço. A história local remete-nos a uma mentalidade coletiva, que é um relevante conceito quando se pretende escrever a história social. Isto porque se deve dar ênfase, segundo nos sugere Peter Burke, “as atitudes mais coletivas que individuais”<sup>3</sup>. Ela visa privilegiar o estudo dos

---

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. Culturas Híbridas. p. 91.

grupos e das relações que estes estabelecem na sua organização social, produzindo uma intrínseca rede de fatos que a explica ao longo de sua existência.

Percorrer esta trajetória, lançando um olhar sobre as muitas releituras que os dois monumentos, ora eleitos como referência para a história local, possam sugerir, enveredando pelos caminhos da poética local é também uma tentativa de entender o patrimônio local em sua expressividade e diversidade. Para este fim, a literatura assumirá um relevante papel, já que se pode encontrar numa poesia contemporânea um forte indício de inspiração advinda do Barroco. Como se sabe, o Barroco rasga a linha do tempo, sua perenidade é inquestionável. Assim Fernando Pessoa, Manuel Bandeira ou Carlos Drummond de Andrade, podem nos remeter a esse barroquismo. Podem ser ilustrativas e corroborar com este raciocínio, as palavras de Nestor Garcia Canclini:

"Apesar de vivermos em um presente excitado consigo mesmo, as histórias da arte, da literatura e da cultura continuam a aparecer aqui e lá como recursos narrativos, metáforas e citações prestigiosas. Fragmentos de clássicos barrocos, românticos e do jazz são convocados no *rock* e na música *tecno*. A iconografia do Renascimento e da experimentação vanguardista nutre a publicidade das promessas tecnológicas. Os coronéis que não tinham quem lhes escrevesse chegam com seus romances os cinema, e a memória dos oprimidos e desaparecidos mantém seu testemunho em rasgados cantos de *rock* e videoclipes"<sup>3</sup>

Não obstante, esta perspectiva de delinear uma outra possibilidade de leitura para o patrimônio de Natal, através de duas de suas edificações arquitetônicas, a Fortaleza dos Reis Magos e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, inclusive invocando a lírica de seus poetas, este trabalho pretende ser também um recurso em que se possa amparar nossos anseios e desejos de ver a memória perpetuada. Vive-se diante do espectro de um mundo que parece querer soterrar a tradição, o passado, a memória. Recorre-se à história, à tradição numa tentativa de ressaltar a identidade, a memória. E novamente recorre-se às palavras do escritor Nestor Garcia Canclini, para reforçar um pensamento acerca dessa contradição oriunda da modernidade:

---

<sup>3</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. p.36.

“Nessa época em que duvidamos dos benefícios da modernidade, multiplicam-se as tentações de retornar a algum passado que imaginamos mais tolerável. Frente à impotência para enfrentar as desordens sociais, o empobrecimento econômico e os desafios tecnológicos, frente à dificuldade para entendê-los, a evocação de tempos remotos reinstala na vida contemporânea arcaísmos que a modernidade havia substituído”<sup>4</sup>.

Considera-se pertinente fazer uma alusão ao fato de que, nem sempre aquilo que hoje concebemos como patrimônio, assim tenha sido representado. A Fortaleza dos Reis Magos e a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação desempenharam por muito tempo os papéis que lhe foram conferidos por uma determinação do poder. Permaneceram assim durante uma “sonolenta infância” para, na “alvorada da juventude”, erguerem-se majestosamente como bens do patrimônio. Isso se dá em meados do século XX.

Na tentativa de lançar uma projeção, possivelmente com inúmeras lacunas, mas que possa, embora de maneira superficial, estender um olhar que contemple esta dimensão do patrimônio cultural, tendo em vista que ele é o foco deste trabalho, recorreremos ao poeta João Cabral de Melo Neto: Suas palavras são arquitetadas de maneira meticulosa para darem conta de um processo de criação.

#### Tecendo a manhã

*Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
e os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,*

---

<sup>4</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas. p.166.

*se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*<sup>5</sup>

João Cabral de Melo Neto<sup>3</sup>

O poeta parece querer nos alertar que a vida é um constante pronunciar sobre o que vemos, ouvimos, produzimos e seus efeitos sobre aqueles com quem nos relacionamos que por sua vez também produzem efeitos sobre nós. A vida como um aprender com o outro, uma fascinante troca de experiências, conhecimentos, impressos, aprendizagens. Essas ações se concretizam em palavras, objetos, imagens, gestos, sons, criações reais ou imaginárias. A rigor esta é uma teia tecida com o outro, resultando da experiência humana de viver em sociedade.

O viver social, objeto de estudo de várias áreas do conhecimento é que faz emergir uma conjuntura que procuraremos relatar, em particular no que se refere ao Patrimônio Cultural assim descrito por Carlos A C. Lemos:

“É fácil entender que de uma determinada condição ambiental, e não existem duas iguais no mundo, e de um determinado povo, seja misturado da maneira como for, como o nosso, só pode ressaltar um processo cultural cuja evolução sempre percorre diretrizes identificadas por uma linha mestra do saber predominante. Do saber as coisas, do saber fazer, do modo de pensar prevalente. É a definição de uma nacionalidade cuja memória está justamente alinhavada ao longo de sucessivas transformações e evoluções havidas lentamente através dos tempos, devido tanto ao progresso tecnológico como ao aprimoramento intelectual e, também, aos facilitados contatos entre povos diferentes estando nessa miscigenação o centro maior de

---

<sup>5</sup> MELO NETO, João Cabral de. Tecendo a manhã. In: INFANTE, Ulisses. Textos: Leituras e escritas, literatura, língua e redação. p. 386.

interesse da compreensão do que seja Patrimônio Cultural".<sup>6</sup>

Tem-se percebido uma certa preocupação dos meios de comunicação, das entidades acadêmicas e de setores outros da sociedade um maior interesse em divulgar e preservar o patrimônio, seja local ou nacional. As discussões são de extrema singularidade e validam uma perspectiva de aproximar a sociedade de questões urgentes como o que é patrimônio, por que preservá-lo, como fazê-lo. Mas nem sempre tais discussões deixam claro o que vem a ser patrimônio cultural. Acreditamos ser necessário um esclarecimento sobre a abrangência deste, suas divisões, os aspectos que o englobam em razão do vasto "universo" que nele se insere.

A princípio se torna pertinente dividi-lo em três grandes categorias. A primeira é a que trata da natureza com seus elementos, o meio ambiente e tudo que dele faz parte independente da vontade humana, embora possamos observar o quanto este perece, justamente em razão da interferência devastadora do homem. A esta categoria pertencem os rios, as matas, os mares com suas águas. "infundas de ponta a ponta", como no caso brasileiro descreveu Pero Vaz de Caminhã na sua carta ao rei de Portugal. Os peixes, as aves, toda a fauna e toda a flora, o solo, os ares, a terra em toda a sua vastidão. Todo esse conjunto que há muito ainda a ser descrito chamados de Patrimônio Natural, coíça de povos, ontem e hoje. Ao abranger os recursos naturais e minerais perceberemos a sua dimensão e as razões para que seja alvo de exploração. Talvez mereça exemplificar com a atenção que ele tem recebido em virtude da escassez de água potável no planeta. No caso brasileiro dispomos de uma reserva considerável se comparada a outros países, tal fato tem despertado o interesse de melhor cuidarmos desse bem natural. Outro exemplar importante é a biodiversidade presente na floresta Amazônica, "pulmão" do mundo e objeto de constantes discussões acerca de sua exploração e/ou preservação. Percebemos que é urgente uma postura mais consciente acerca dos bens naturais que dispomos e que demonstram a diversidade e riqueza ao nosso Patrimônio Natural.

Ao segundo grupo pertencem os elementos ligados ao conhecimento, às técnicas, ao fazer eles se posicionam numa esfera intangível do Patrimônio

---

<sup>6</sup> LEMOS, Carlos. A. C. O que é patrimônio histórico. p. 18.

Cultural. Quando queremos nos referir a ele será necessário perceber a sua vastidão, pois está também relacionado às mais variadas maneiras que o ser humano desenvolve como meio imprescindível de garantir a sua sobrevivência em um dado local e inequivocamente perpetuar-se através dos tempos. Percorrer essa trajetória, inevitavelmente, irá nos reportar às comunidades e suas estratégias para obter alimento, moradia, defesa enfim, os mecanismos que assegurem a construção de seu espaço social. Este grupo está diretamente ligado à capacidade de fazer, englobando, portanto, a perícia humana para calcular o período das enchentes, das secas, os cálculos que foram necessário desenvolver para que se erguessem as pirâmides, os palácios, as muralhas. Refere-se à habilidade nas laçadas, nas práticas agrícolas, no lapidar de uma pedra, nos “rabiscos” que buscamos decifrar e aos quais chamamos de pinturas rupestres. Todo este espaço para fazer e o próprio saber fazer constituem magníficos vestígios para que se conheça esse passado. Nos seus rabiscos encontramos referências aos rituais, às crenças, os hábitos, aos aspectos visíveis e invisíveis do cotidiano. São os saberes e os modos de fazer de cada comunidade. Como se portavam diante de rituais, as mulheres, as crianças, os homens? Como eram esses rituais? De que forma eles expressam uma vivência social, religiosa, cultural? As formas de expressão através do corpo, também são de grande caráter revelador. Dançar, vestir-se para a ocasião, cantar, oferecer sacrifícios demonstram habilidades desenvolvidas e transmitidas, em muitos casos de forma oral, mas que vão se perpetuando, alcançando dimensões que extrapolam o grupo e que passam a ser incorporados por outros, claro se for de acordo com o que já existe neste outro grupo ou por imposição, como no caso da colonização que acabou por catequizar milhares de Índios no Brasil.

Este grupo impressiona pela sua natureza ao demonstrar quão grande é capacidade humana de criar. Músicas, palavras, narrações, danças, contos, fábulas, festividades religiosas e de entretenimento são todas manifestações que também evidenciam o conhecimento humano conduzindo para as várias formas desse saber fazer. Cabe-nos ressaltar também que muito desse saber fazer está relacionado à memória, coletiva e individual, e pode ter como fontes os relatos que são ao longo do tempo passados de pessoa para pessoa, de grupo para grupo. Esses relatos, orais ou escritos, podem estar impressos em gravuras,

ilustração, pinturas, fotografias, desenhos, inscrições e tantas outras expressões de que uma comunidade pode dispor para demonstrar o seu viver coletivo, desde a formação da comunidade, passando pelo seu crescimento, seus interesses, as mudanças e/ou permanências e tudo que possa revelar sua existência e a condição de permanência. Aqui é preciso notar a relevância que adquire a história local, seu estudo é meio imprescindível para se conhecer a organização estrutural que se revelará através de diversas fontes em diversas épocas.

Embora não se tenha nem de longe esgotado o “universo” a que o patrimônio intangível se refere, cabe-nos ingressar no terceiro grupo ou categoria do patrimônio, este que revela ser o que reúne os bens, construções, artefatos obtidos pela capacidade do saber fazer. Nessa perspectiva toda a engenharia do calcular, medir, prever, traçar leva à prática. Pirâmides são erguidas, engenhos espaciais desafiam os céus, barcos cruzam oceanos, mundos se aproximam. Talvez essa seja a categoria que mais nos interessa tendo em vista que pretendemos detalhar, aqui na nossa cidade, o estudo de duas magníficas obras que bem exemplificam tal grupo.

Percebe-se que está se delineando uma imagem incomensurável acerca dos bens que compõem o Patrimônio Cultural de uma sociedade. Tomemos como exemplo as expressões literárias. A Grécia existe antes de depois de Homero. As experiências com narrativas, principalmente de cunho mitológico, muitas vezes ilustram e explicitam o pensamento de um determinado grupo acerca do universo do homem, dos sentimentos, das crenças. Este acervo constitui uma singular fonte para o estudo de um povo. O mundo da literatura se torna magnífico ao revelar desejos, sonhos, ilusão, crenças, hábitos, parte de um universo oral real, ora imaginário, ora profano, ora religioso, podendo unir o místico ao mítico. Revela também projetos, sentimentos, entendimentos, suposição. Com ele conhecemos o vasto mundo e seus encantos, surpreendemos pela capacidade que tem de formar e informar. A literatura do erudito ao popular é elo importante dessa categoria do Patrimônio Cultural a qual ainda há muito a acrescentar tendo em vista que, ao tratarmos do aspecto popular da nossa cultura, suas expressões são fontes inesgotáveis para o seu enriquecimento.

Pensamos ter esclarecido que o Patrimônio de um povo ou de uma nação abrange um universo mais amplo e significativo que não se encerra em grandes obras artísticas, ele está impresso no saber popular, nas criações anônimas, surgidas no seio do grupo e que passam a expressar um conjunto de valores que identificam o viver desse grupo. Tampouco devemos entendê-lo como aquele constituído apenas por antigas construções e objetos que em via de regra, estão dispostos em museus. Como já dissemos trata-se de um universo tão vasto que não caberia em prateleiras. Ao Patrimônio Cultural pertencem o ambiente, as construções arquitetônicas, as artes e seus criadores, a língua, os ritos, o artesanato, as expressões musicais, literárias, teatrais, os usos e costumes, o vestir, o morar, os hábitos alimentares, os princípios éticos que regem a organização do grupo e demais formas de expressão vinculadas a um viver de determinado grupo social seja do passado, seja do presente. Todos estes aspectos constituem testemunhos de valor singular que nos ajuda a compreender nossa história.

Os mais antigos vestígios da presença humana no Estado do Rio Grande do Norte, são capazes de nos revelar a dimensão do nosso Patrimônio. Sítios arqueológicos de Apodi, Currais Novos, Carnaúba dos Dantas, Cerro Cora entre outros estão impregnados na história local de nossos antepassados. Um precioso acervo de inscrições rupestres revela-nos através de pinturas, desenhos e gravuras um passado humano envolto pelos rituais religiosos e mágicos, pela simplicidade do cotidiano com sua flora e sua fauna, um mundo de crenças que buscamos desvendar.

Um outro importante exemplar do nosso Patrimônio está intimamente ligado ao espaço, trata-se das construções religiosas que muitas vezes acabavam por definir este espaço. Os templos religiosos embora quase sempre ostentassem estilos que estavam sendo transportados de terras longínquas da Europa para as colônias, no caso o Brasil, aqui chegando acabavam por inovar, incorporando aspectos peculiares à cultura local. Dois exemplares dessa categoria são a Igreja Matriz Nossa Senhora da Apresentação e a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, ambas na nossa cidade que terão um estudo mais detalhado nos próximos capítulos.

As artes visuais são também de importante valor para o estudo e identificação do Patrimônio Cultural. A dança, a literatura, a música, o teatro, elas compõem o extenso universo das artes expressando a cultura humana, portanto retratando a história. Desse grupo queremos destacar a pintura e a escultura para fazermos referência à arte popular. Esta é representada por um imenso contingente de expressão que, no nosso Estado, enriquece a beleza do “criar” humano e demonstra quão diversificada pode ser. São exemplos a cerâmica, a renda, a escultura em madeira e barro, o cordel e toda a sua representatividade enquanto criação popular, os brinquedos e brincadeiras, os objetos feitos a partir do couro, da fibra do coco, as redes, os bordados dão um colorido especial a nossa arte denominada popular. E nós sabemos que ao fazermos menção à cultura popular estamos inequivocamente nos reportando a um extenso universo das artes que tem se procurado desvendar, analisar, entender e valorizar enquanto grande revelador de uma tradição. Não se deve entendê-la como algo menor se quisemos de fato entender o Patrimônio Cultural numa perspectiva histórica e social. O escritor Peter Burke (1995) afirmou “as mentes das pessoas comuns não são como uma folha de papel em branco, mas estão abastecidas de idéias e imagens, as novas, se não forem compatíveis com as antigas, serão rejeitadas”.

É nesta perspectiva que procuramos entender a vastidão desse exuberante tesouro que denominamos Patrimônio Cultural, abarcando um amplo universo de bens preciosos que podem ser naturais, tangíveis e intangíveis. Sabe-se que a nossa Constituição define que são objetos de proteção do Governo todos os bens pertencentes ao povo, sejam, populares ou da elite, de grupos ou etnias diferentes, são partes de um todo que compõem a nossa história e nos identificam enquanto brasileiros. Assim tão urgente quanto cuidar da natureza é também cuidar dos prédios, das tradições orais e escritas, dos sítios arqueológicos, enfim de toda a variedade de artefatos, frutos da criação humana.

Recorrendo à legislação brasileira, iremos nos deparar com o Artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988:

*Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nas quais se incluem: (...)*

*IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-cultuiais; (...)*

*§1º O Poder Público com a colaboração da comunidade promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.*

*§2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem. (...)<sup>7</sup>*

Entende-se o valor inestimável do patrimônio a ponto desse requerer um tratamento específico na própria Constituição. Mas não é suficiente tendo em vista as proporções que as fontes e as memórias assumem enquanto referenciais simbólicos para o seu estudo. Ao tratarmos do patrimônio histórico, imprescindivelmente, nos remetemos à memória que, de acordo com Pierre Nora:

*“É a vida, sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (...) A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto, (...) é um absoluto.”<sup>8</sup>*

Em síntese, a memória de um grupo pulsa, pode ser que permaneça inerte, como se estivesse esquecida, mas quando se quer pode ser lembrada. O patrimônio expressa uma memória, estando assim impregnado de representatividade sociocultural. Nesta perspectiva ousa-se analisá-lo como meio de construir sua identidade com o presente e tendo como “símbolos” a Fortaleza dos Reis Magos e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação, obras singulares do patrimônio local e mesmo nacional.

---

<sup>7</sup> CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. p. 111.

<sup>8</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História – a problemática dos lugares. In: Projeto de História: Revista de Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP. p. 9.

## 1.ENTRE O RIO E O MAR: eis que surge uma fortaleza

*Doravante abro asas confiantes para o espaço:  
Não temo barreiras de cristal ou de vidro:  
Corto os céus e alço vôo para o infinito<sup>9</sup>.*

Giordano Bruno

A “lógica” de se perceber o universo como hierarquizado e incomensurável foi base para o pensamento europeu que por muitos séculos fez, com algumas exceções, acreditar que, sem sombra de dúvida, a Terra era o centro orientador e ordenador de toda a esfera universal. Essa visão passa a ser questionada inclusive, porque muitos estudiosos começaram a separá-la de Deus.

Nicolau de Cusa (1401-1464) era um dos que considerava que o universo continha tudo, exceto Deus, e que não tinha limite ou borda, portanto a Terra não podia ser seu centro. Outra grande contribuição foi a do polonês Nicolau Copérnico (1473-1543) que virou pelo avesso a teoria da Terra como centro substituindo-a pela teoria heliocêntrica.

Seguindo os passos de Copérnico, Giordano Bruno (1548-1600) passa a dedicar-se à tarefa de demonstrar as implicações da teoria copernicana para o espaço. Por tal fato feito acabou tendo um trágico fim, foi condenado à fogueira por heresia. Seu crime? Acreditar que a Terra não era o centro do Universo. Sua morte calou-o definitivamente (ainda vivo ele teve a língua cortada)mas, suas idéias acabaram por disseminar outras ancoradas em estudos que procuraram perceber o espaço como homogêneo e mensurável, portanto alvo do alcance da inteligência humana, capaz de desbravá-lo por completo como meio de estender seu domínio por todo o “vazio” interestelar.

Em meio a toda essa mudança de mentalidade e, mesmo antes dela se estender por todo o cerne da comunidade científica, Portugal e Espanha já se enfrentavam numa disputa pela soberania de “espaços” ainda por serem conhecidos. Em 1494, de acordo com o Tratado de Tordesilhas, firmado entre esses dois países, uma linha imaginária é traçada de norte a sul, de pólo a pólo, trezentos e setenta léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde, estabelecendo o domínio sobre as terras e tudo que nelas pudesse haver, além do céu e além do mar. Esse instrumento e todo o propósito que dele também resulta, marcaria

---

<sup>9</sup> BRUNO, Giordano. Astrônomo Italiano do Século XVI.

profundamente o entendimento acerca dos mares, das terras, das conquistas. A Europa começava embalada pelo “sonho” de desvendar o “universo”, a inscrever uma nova página de sua história, aquela que também comprovaria não ser a Terra o centro do universo, tampouco este teria um limite, o que leva a crer que ilimitadas são também as possibilidades humanas de desvendá-lo e “dominá-lo”.

Foi possivelmente imbuído do propósito de cruzar mares, dominar terras, conquistar espaços que Portugal se lançou ao mar. A esse respeito diz o poeta português Fernando Pessoa.

### *Mar portuguez*

*Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por ti cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosse nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,  
Mas nelle é que espelhou o céu.<sup>10</sup>*

Fernando Pessoa

O mar abre caminhos, expande economias, “integra” nações, “funde” culturas. Outrora mundos tão distantes, agora vencidos pelo mar, eis que se encontram. O mar “Oceânico” não era mais uma barreira para a modernidade, ao contrário, havia se transformado na rota “ideal” para que as mesmas estruturas européias fossem transpostas. O pensamento medieval, agora uma tênue chama, passa a ser decifrado como sinônimo de trevas, escuridão, atraso. O renascimento do comércio emerge com a necessidade de romper padrões, inovar, modernizar.

O estilo barroco e toda sua suntuosidade, agora sob a tutela da corte, passa a expressar uma clara influência do poder. Apropriando-se de sua beleza e magnitude, seu luxo e exagero, a nobreza procurará utilizá-lo também como

---

<sup>10</sup> PESSOA, Fernando. *Mar Portuguez*. In: INFANTE, Ulisses. *Textos: leituras e escritas, literatura, língua e redação*. p. 276.

instrumento de dominação. A cidade barroca é a cidade do poder, da dominação. O estilo que até então havia caracterizado a sociedade medieval colocava o governo moderno em perigo. Suas ruas escuras e estreitas eram associadas à criminalidade. As novas edificações iriam se constituir por um alargamento das ruas e das praças, o palácio do governo bem fortificado e um elemento novo ganha lugar de destaque nessa estrutura, o exército. Não mais a soldadesca mercenária, mas a permanente, uniforme, impotente imbuído da missão de proteger, assegurar, guardar o poder. Eis aí mais uma exigência do Estado Moderno. Os quartéis serão nessa nova ordem, o que os mosteiros foram na Idade Média. O “dobrar dos sinos” cedem lugar para as paradas, as festas populares, os espetáculos de massa.

A cidade pensada, planejada, organizada, idealizada, ordenada pelo Estado Novo é forjada em nome de uma nova mentalidade européia. A arquitetura carregará nos obeliscos, nos afrescos, nas praças, nos templos, nos palácios, num claro e inequívoco desejo de afirmar o poder. O Estado Moderno passa a dominar o espaço urbano imprimindo-lhe sua marca: o luxo exagerado, o desejo de auto-afirmação e poder. O poder político impresso também na arte.

Consideramos oportuno esclarecer que o estilo barroco não foi só exagero, ele tem sua beleza própria, original, singular, expressa em esplêndidas obras que, sabiamente, a história eternizou. Podemos mesmo recorrer a um exemplo do Brasil e citar, o mestre Aleijadinho. Aqui em terras do além-mar também tivemos criatividade. O barroco vai unir o gosto europeu aos elementos da nossa estética popular, indígena e africana. Nas cidades coloniais brasileiras, os prédios mais importantes também serão os palácios, verdadeiras fortalezas militares, quase inexpugnáveis, que procuraram ostentar e impor o poder da metrópole. As igrejas, em geral, também procuraram seguir o estilo barroco, principalmente as de Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Essas faziam uso da imagem visual para atrair fiéis. O apelo de um interior que convencia por sua mensagem, pois se acreditava estar mais próximo do céu. A igreja barroca parece passar essa sensação. Seu teto parece se estender além das nuvens para atingir o céu. Todo esse apelo estava também a serviço de uma política denominadora, exploradora, colonizadora. É bem verdade que, muitas das igrejas barrocas, com seus interiores repletos de suntuosidade, foram construídas por leigos, pessoas

“importantes” da colônia que patrocinavam “obras de caridade”. A construção, propriamente dita, era obra de mãos escravas e isto inclui a atividade artística de cada detalhe. Alguns estudiosos do assunto afirmam que “o planejamento barroco, mesmo em seus melhores momentos, continuava apoiado naquelas estreitas bases. Era destinado aos melhores: adaptava-se à sua condição”. O mesmo autor também diz: “alguns dos melhores e alguns dos piores exemplos de planejamento barroco somente surgiram depois que haviam flagrantemente deixado de ser, simbólica ou praticamente, apropriados para a época que os construía”. Assim, podemos entender porque séculos depois o Barroco, com sua atemporalidade, é capaz de causar profundo sentimento de admiração na alma humana que se curva diante de seu altar.

### **O HOMEM, AS VIAGENS**

*O homem bicho da Terra tão pequeno  
chateia-se na Terra  
lugar de muita miséria e pouca diversão,  
faz um foguete, uma cápsula, um módulo,  
toca para a Lua  
desce cauteloso na Lua  
pisa na Lua  
experimenta a Lua  
civiliza a Lua,  
humaniza a Lua.*

*Lua humanizada: tão igual à Terra.  
O homem chateia-se na Lua.  
Vamos para Marte – ordena as suas máquinas.  
Elas obedecem, o homem desce em Marte  
pisa em Marte  
experimenta  
coloniza  
civiliza  
humaniza Marte com engenho e arte.*

*Marte humanizado. Que lugar quadrado.  
Vamos a outra parte?  
Claro – diz o engenho  
sofisticado e dócil.  
Vamos a Vênus.  
O homem põe o pé em Vênus  
Vê o visto – é isto?  
idem  
idem  
idem.*

*O homem funde a cuca se não for a Júpiter*

*proclamar justiça junto com injustiça  
repetir a fossa  
repetir o inquieto  
repetitório.*

*Outros planetas restam para outras colônias.  
O espaço todo vira Terra-a-terra.  
O homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para tever?  
Não-vê que ele inventa  
roupa insiderável de viver no Sol.  
Põe o pé e:  
mas que homem chega ao Sol ou dá uma volta  
só para tever chato é o Sol, falso touro  
espanhol domado.*

*Restam outros sistemas fora  
do solar  
a colonizar.  
Ao acabarem todos  
só resta ao homem  
(estará equipado?)  
a difícilima, dangerousíssima viagem  
de si a si mesmo:  
pôr o pé no chão  
do seu coração  
experimentar  
colonizar  
civilizar  
humanizar  
o homem  
descobrir em suas próprias inexploradas entranhas  
a perene, insuspeita alegria  
de **con-viver**.<sup>11</sup>*

Carlos Drummond de Andrade

A sede de domínio, de riquezas e de poder, forjou na América a cidade “ideal”, cidade símbolo deste poder, como o era em Roma. Cidade como consequência da expansão econômica. O custo desse “projeto” empreendedor e “civilizatório” na América Latina dispensa questionamentos, tendo em vista que sua dimensão resultou em marcas presentes e determinantes da desigualdade social que, essas sociedades experimentam, tendo como base o que antes fora extensão dos territórios espanhol e português.

A Coroa de Castela procurou imprimir em suas colônias o traçado urbano capaz de aliar domínio econômico e político com domínio militar. Os

<sup>11</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. O Homem, As Viagens. In: INFANTE, Ulisses. Textos: leituras e escritas, literatura, língua e redação. p. 337.

núcleos urbanos vão parecer ordenados, iniciando-se pelo estudo topográfico da região: altitude, clima, solo, fauna, flora, população, tudo será avaliado na tentativa de combinar riqueza e beleza.

A edificação tinha início pela praça, que deveria servir de apoio para as ruas que seriam traçadas. A praça como espaço público, amplo, propício para reunião da população em dias de festa, era uma reprodução do modelo europeu. Os jesuítas com suas reduções originariam cidades e, nos espaços religiosos se travava a “luta” pela conquista dos infiéis. O desejo da Espanha era parecer unificada, senhora do mundo, um mundo onde o “sol jamais se põe”. O que a Espanha não era, pretendia que suas colônias fossem, centralizadas, uniformizadas, codificadas. Um importante aspecto observado nessas colônias foi a criação de universidades, não tanto pelo desejo de vê-las prosperar, mas sim por entendê-las como a continuação de seu país.

Na América portuguesa se fez mais visível ainda o ardoroso desejo de explorar comercialmente a terra, suas riquezas, seu povo, todas as suas possibilidades. Na carta que escreveu ao rei, Pero Vaz de Caminha menciona “água infindas... e na terra, em se plantando tudo dá”.

As primeiras indicações voltam-se para a tarefa de policiamento da costa, não descuidando porém, da sua exploração. Em consequência, os núcleos de povoamento surgem no litoral. Esse fator é decisivamente de grande influência para os contrastes visíveis, ainda hoje, entre o litoral e o sertão. Esquece-se de um interior que pensa, sonha e que economicamente também alimenta a cidade e, culturalmente, expressa com ingênua originalidade seu imaginário, seu cotidiano, suas tradições, suas crenças, ponto pacífico para o entendimento de nossa diversidade. Pensadores de grande erudição, não dissociam o popular do acadêmico, ao contrário, procuram estabelecer suas relações. No rol desses, podemos citar grande nomes como Castro Alves, Guimarães Rosa, Lima Barreto, João Cabral de Melo Neto, Ariano Suassuna entre outros.

A realidade colonial sofre alterações quando da corrida aurífera em direção às “Minas Gerais”. Essa nova e tão sonhada atividade econômica vai influenciar o estilo urbanístico das cidades do interior, embora em nenhum momento Portugal descuide de sua rigidez impondo limites que possam manter o controle sobre a exploração do ouro e dos diamantes.

No caso português há que se considerar também a edificação, sempre que possível, à margem de rios para facilitar o comércio e a comunicação. Sérgio Buarque de Holanda refere-se em uma de suas obras a essa intenção portuguesa. Diz ele: "em seus melhores momentos, a obra realizada no Brasil pelos portugueses teve seu caráter mais acentuado de feitorização do que de colonização". Portugal não se dispunha a investir a não ser que o resultado lhe fosse favorável. A colônia deveria complementar a economia metropolitana, segundo a visão mercantilista da época. Nesse modelo não cabia operar benefícios, tampouco estimular o comércio interno a ponto desta tornar-se sua concorrente. Sinteticamente cabia à colônia produzir matéria-prima para sua metrópole e consumir manufaturados que esta produzia.

É nesta perspectiva que se inserem as grandes mudanças que serão verificadas nas terras que o Tratado de Tordesilhas assegurava como pertencentes a Portugal. É ilustrativo o diálogo de um velho cacique que se mostrava intrigado diante da presença constante do branco nessas terras. Ele questionava as razões que os levaram a aventuras tão arriscadas. Queria compreender o objetivo de tão grandiosa empresa que os conduziam pelo "incômodo" oceano com toda a sua vastidão e seus perigos até uma terra tão distante. O branco, falando em nome de seu povo, responde que tal "incômodo" era justificado pelos lucros que iria gerar. E o cacique que nada entendia de lucro insistiu ainda em saber do que se tratava. O branco falou em acumular riquezas e herdá-las para os filhos. Foi então que o velho cacique, com toda a sabedoria e experiência que lhes são próprias, acrescentou: "o maior tesouro que um homem pode deixar de herança a seu filho é a terra". Provavelmente se referia a Terra com toda a sua vastidão de águas, as suas matas, os seus animais, a sua infinitude interestelar. A mesma Terra de Copérnico, Galileu, Giordano Bruno, Isaac Newton, Einstein. A Terra dos argonautas, dos navegadores, dos astronautas.

E as viagens portuguesas prosseguiram em busca de terras de riquezas, de lucros. Resulta daí a tentativa de fixação do branco nas terras brasileiras e a fundação da empresa colonizadora.

No Rio Grande do Norte, a primeira iniciativa coube ao capitão Mor de Pernambuco, Manuel Mascarenhas Homem que, com cerca de quatrocentos

homens entre eles índios e negros, desembarca em 1597 no rio Potengi. A incumbência era providenciar a construção de uma fortaleza. Tal empreendimento teve início no dia 06 de janeiro de 1598, data que de acordo como calendário cristão, é dedicada ao Reis Magos.

Construída a obra, a fortaleza passou a ser denominada de Fortaleza dos Reis Magos, tendo como autoria de seu traçado o Padre Gaspar de Samperes, integrante da Companhia de Jesus. O passo seguinte foi estabelecer as pazes com os índios que ainda pudessem se mostrar hostis. Cabe salientar que também participaram desta expedição o capitão-mor da Paraíba, Feliciano Coelho, o comandante da esquadra, Francisco de Barros Rego e ainda Jerônimo de Albuquerque.

O forte surge como monumento do poder, símbolo imponente do domínio português sobre as terras potiguarês. Era também trampolim para a conquista do Norte do país. Sua construção que está intimamente ligada ao domínio português na capitania do território que mais tarde presenciaria o nascimento de uma cidade, com ele as medidas de segurança para se alcançar tal fim, já estavam asseguradas. Hélio Galvão em sua obra História da Fortaleza da Barra do Rio Grande cita:

*E além dessas virtudes próprias apresentasse, na harmonia das linhas, na traça do desenho, na aparência exterior, a imponência que o complexo de suas fundações exigia defender o intruso a entrada da barra, assegurar o exercício pacífico da autoridade que nela se ia instalar e a permanência da posse do território da Capitania. Mais criar condições para o ciclo da expansão do Norte que ia se abrir.<sup>12</sup>*

Podemos crer que com todas essas finalidades, trata-se da construção de uma fortaleza e não de um forte. Para melhor definir a questão, buscamos as impressões de Luis Serrão Pimentel, um arquiteto do Reino que afirma:

*Forte é uma praça de fossos, reparos e baluartes, dos quais se pode defender com pouca gente contra a força do inimigo.*

*Forte de campanha é um forte de quatro ou cinco ângulos com outros tantos baluartes que se faz na campanha ou fora das praças, junto de rios ou passagens para as guardas e defender. De ordinário não são capazes de resistir a exército numeroso.*

---

<sup>12</sup> GALVÃO, Hélio. História da Fortaleza da Barra do Rio Grande. p. 15.

*Fortaleza é um castelo ou cidadela mais forte, capaz de mais baluartes que os ordinários, para segurança das províncias, portos ou semelhante intento*<sup>13</sup>.

Eis o que vemos, o primeiro monumento edificado em nosso estado carrega em sua história uma forte relação com a pretensão colonizadora portuguesa, fato que implicitamente está também ligado ao domínio português sobre o espaço e a conseqüente escravização e até o extermínio de tribos indígenas, a expulsão de “piratas” franceses do pau Brasil, a posterior fundação da cidade que veríamos a chamar de Natal e o ponto de partida para conquista do Norte.

Passados um pouco mais de quatro séculos de suas construção, observamos a majestosa imponência da fortaleza. Ali ela reina como um guardião, silencioso, debruçando-se sobre as caudalosas águas do mar, observando a cidade que viu nascer testemunhando suas transformações. A fortaleza domina a paisagem, eleva-se como se elevavam os castelos da Europa medieval. Merecidamente é orgulho de nosso povo e fonte de inspiração para poetas, pintores, cantadores. Nas palavras da poeta Palmyra Wanderley é assim cantado:

#### FORTALEZA DOS REIS MAOS

*Em frente o mar, fervendo e espumando de ira,  
Na nevrose do ódio, em convulsões rouqueja  
E contra a Fortaleza imprecações atira  
E blasfema e maldiz e ameaça e pragueja.*

*Todo ele se baba. E se arqueia e delira,  
Na fervente paixão de vencê-la...Peleja.  
Ergue o dorso e se empina e se estorce e conspira  
E cai, magoando os pés daquela que deseja.*

*A Fortaleza altiva, agarrada às raízes,  
Nem parece sentir as fundas cicatrizes,  
Dos golpes com que o mar o seu corpo tortura.*

*Evocando o passado, avista as sentinelas,  
No cruzeiro do sul a cruz das caravelas  
E as flechas de Poti rasgando a noite escura.*<sup>14</sup>

Palmyra Wanderley

<sup>13</sup> GALVÃO, Hélio. História da Fortaleza da Barra do Rio Grande. p. 232.

<sup>14</sup> GALVÃO, Hélio. História da Fortaleza da Barra do Rio Grande. p. 219.

Uma “simples” construção de taipa e areia que se eleva entre o rio e mar, foi marco colonizador e ponto de apoio para a conquista do Norte do país. Uma estratégia de defesa contra os franceses sendo elevado à categoria de “Castelo de Ceulém” quando da invasão holandesa. O pintor oficial do governo holandês, Franz Post retratou o “castelo” em uma de suas telas. No interior de suas “celas” pereceram personagens da história local como o índio Jaguarari e o revolucionário de 1817, André de Albuquerque.

Em 1949, quando a fortaleza comemorava 350 anos de sua fundação, o Cônego José Adelino Dantas escreveu:

AO FORTE DOS TRÊS REIS MAGÓS, EVOCANDO O  
TRANSCURSO DOS 350 ANOS DA FUNDAÇÃO  
DA CIDADE DO NATAL

*O' Velho Forte, evocação viva dos Três Reis Magos  
Glória perene da história da gente e da terra potiguar!  
Eu te saúdo mil vezes, vetustas e soberbas muralhas,  
Fustigadas, dia e noite, pelos vagalhões do mar e  
Vestidas de sol, perenizando o nome e a fama de um  
povo  
Que aqui alargou os horizontes da fé e o Império  
E que, pela vez primeira, lá das plagas luzitanas,  
Aqui aportou!  
Foste a estrela que lhe iluminou a rota,  
Na descoberta desta terra e na expansão deste povo,  
O astro brilhante que ainda hoje,  
Sobre teus muros arruinados,  
Aponta aos nautas os caminhos do mar,  
Projetando um poema para as alturas!  
Teus velhos canhões, pedras e muralhas silenciosas,  
São no seu conjunto, como que a imagem fiel  
Dos embates de outrora.  
Ó Velho Forte, no escrínio de meu coração  
E a sombra de nossa história,  
Eu te saúdo  
Como o marco primeiro do nome e da raça,  
da cidade e da gente natalense,  
Desta cidade que do Natal de Cristo trouxe o nome  
E que, da noite silenciosa de Belém,  
Faz lembrar a estrela fulgente.  
Nada te pode delir a história,  
A missão histórica que tão bravamente cumpriste.  
E aonde chegar a voz da história.<sup>15</sup>*

---

<sup>15</sup> DANTAS, José Adelino. Ao Forte dos Três Reis Magos, evocando o transcurso dos 350 anos da fundação da cidade do Natal. In: MOURA, Pedro. Fatos da História do Rio Grande do Norte, p. 245.

A Fortaleza dos Reis Magos foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 15 de janeiro de 1949, é marco precursor que legitima um espaço de memória. Hoje, 405 anos de sua fundação, a Fortaleza que já passou por várias reformas permanece aparentemente “inerte”, mas só aparentemente, pois registra a cada dia, a alvorada da cidade bem como o seu ocaso quando o sol se despede sobre as caudalosas águas do rio. Assim “vela” a cidade, registra seu cotidiano, guarda sua história. E parece ser com esse encantamento que o escritor Laurentino Bezerra contempla sua perene existência:

*Olho nos cantos dos extremos vagos,  
Na retentiva dos anais distantes,  
A namorar as dunas verdejantes,  
Todo imponente, o Forte dos Reis Magos.*

*Como quem vê nos rituais oragos,  
A história muda dos heróis marcantes  
Um templo arroga as águas coleantes,  
Recebendo das ondas mil afagos.*

*Sentinela da foz do Potengi,  
Trincheira audaz das tribos de Potii,  
Roga ao passado que mim se acerque!...*

*Segreda tudo e diz em sonho a mim,  
Se aqueles traços do castelo, enfim,  
São rastros do maior dos Albuquerque!<sup>16</sup>*

---

<sup>16</sup> BEZERRA, Laurentino. In.: MOURA, Pedro. Fatos da História do Rio Grande do Norte. p. 240.

## **2. A IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO: um marco para Natal**

*Se o homem começou a dirigir os olhos para os céus, não foi para satisfazer uma curiosidade meramente intelectual. O que ele realmente procurava no firmamento era o seu próprio reflexo e a ordem de seu universo humano. Sentia que seu mundo estava preso por muitos laços visíveis e invisíveis – e tentou penetrar nessa conexão misteriosa.*

Ernest Cassier.

Talvez seja mesmo a religião de todos os laços culturais que unem as saudades. O que mais tenha deixado suas marcas na paisagem urbana e, além desta, na tradição que ultrapassa o tempo e permanece perene como testemunho através de seus rituais, seus símbolos, seus signos que se revestem de grande representatividade das mentalidades, dos sonhos, dos medos, dos apelos, dos desejos, das crenças. Repleta de sentido universal constitui elo entre o homem e deus, revestindo-se das memórias atávicas de todos os povos e, portanto, emergindo como herança indelével de nossa ancestralidade.

Os antigos gregos, pioneiros no exercício da lógica, arquitetaram fantásticos estudos que buscavam explicar o funcionamento não só do universo, como também de toda a “engenharia” humana. E aí cabem as expectativas, os sentimentos, os conhecimentos e experiências vista galeria de “mestres” podemos evocar os nomes de Homero, Heródoto, Pitágoras, Euclides, Aristóteles, Platão, Sócrates, entre outros. Mas foi, sem dúvida nos deuses que cultuava que os gregos se inspiravam para tecer uma vasta teia de relações que abarcam o imagético e criativo universo das paixões, das sensações, dos sonhos e dos desejos que eles, definitivamente, se superaram. Estaria neste intrínseco modo de viver e perceber o universo, a estreita relação do homem com o firmamento e todas as coisas imagináveis e inimagináveis, visíveis ou invisíveis que dela resultam? De fato das imemoriáveis “construções” humanas às mais recentes, que passam pela arquitetura, linguagem, religião, hábitos, crenças entre outros, temos que considerar um significado implícito que nos remetem às preferências, aos gostos, às crenças de uma determinada sociedade. São imóveis apenas aparentemente, pois carregam em si forte significação, quer dizer, existência.

Fizemos estas considerações para buscar na construção de uma pequena capela os significados que dela podemos extrair já que, enquanto construção religiosa evoca também uma história de um grupo social que também pretendia estabelecer uma separação entre o sagrado e o profano. O espaço materialmente erguido deve sintetizar uma idéia de unidade, de desejos e pensamentos comuns, fazendo ver que todos temos as mesmas crenças. Mas não devemos deixar de mencionar, acima de tudo, que um forte desejo de domínio uniu Estado e Igreja na conquista dos espaços além-mar, a partir do século XV.

A pequena capela erguida num ponto elevado, de frente para o rio Potengi, teria ao que tudo indica, dando origem à cidade que mais tarde receberia a denominação de Natal. Consta que mesmo antes de sua edificação, nas redondezas do forte, havia se formado uma pequena povoação que, de acordo com as referências de historiadores, era conhecida como Cidade dos Reis, uma clara referência ao forte que havia sido construído e que ficou conhecido como dos Reis Magos. A construção do forte é apontada como o ponto de partida para a fundação da cidade que viria a nascer a partir da pequena capela que, segundo os historiadores, teria sua origem no local em que hoje encontramos a praça André de Albuquerque. Ali, ao que tudo indica, teria sido celebrada uma missa em 25 de dezembro de 1599, dia do Natal.

Repousa na tradição o nome de Jerônimo de Albuquerque como o fundador da cidade de Natal, tendo em vista que ele teria sido nomeado Capitão da fortaleza e responsável também pela pacificação dos índios. Luís da Câmara Cascudo, em sua obra "História da Cidade de Natal", faz a seguinte referência:

*A 25 de dezembro do mesmo ano (1599), Jerônimo de Albuquerque, saindo da fortaleza, na distância de meia légua, num terreno elevado e firme, que já se denominava POVOAÇÃO DOS REIS, demarcou o sítio da cidade que recebeu o nome de Natal, em honra desse glorioso dia, que assinala no mundo da cristandade o nascimento do divino Redentor.<sup>17</sup>*

---

<sup>17</sup> CASCU DO, Luís da Câmara. História da Cidade de Natal. p. 77.

Na mesma obra acima citada, Câmara Cascudo procura, a partir de relatos recolhidos, explicar a origem da denominação que a cidade viria a receber:

*Nasce a Cidade do Natal do Rio Grande. Por que Cidade do Natal?*

*O visconde de Porto Seguro ensina: '...se chamou do Natal, em virtude sem dúvida de se haver inaugurado o seu pelourinho ou a sua igreja matriz no dia 25 de dezembro desse ano da fundação' (1599). Vicente de Lemos decide: 'A 25 de dezembro do mesmo ano (1599), Jerônimo de Albuquerque, saindo da fortaleza, na distância de meia légua, num terreno elevado e firme, que já se denominava Povoação dos Reis, demarcou o sítio da cidade que recebeu o nome de Natal, em honra desse glorioso dia, que assinala no mundo da cristandade o nascimento do divino Redentor'. Frei Jaboaão (1768) '...vencidos os índios da terra...se deu princípio à povoação... e foi honrada a tal povoação cidade do Natal, porque pela festa do nascimento do Senhor se fez este ano, no ano de 1599'. Aires do Casal (1817): '...teve oportunidade de lançar os fundamentos à cidade Natal, que tomou este nome por se encontrar a inauguração da sua matriz com a festividade do nascimento do Nosso Salvador em 1599'. Milliet de Saint Adolphe: '... pôs o nome de Natal por coincidir a inauguração da igreja que ali fez edificar coma festividade de Nosso Senhor do ano de 1599'. Rocha Pombo, História do Rio Grande do Norte: 'Dentro de poucos meses estava mudada a povoação, e pronta a capela, que foi inaugurada em dezembro do mesmo ano (1599) dizendo-se a primeira missa com toda solenidade no dia 25: circunstâncias que se aproveitou para dar vida à vila o nome de Natal'. Tavares de Lira, História do Rio Grande do Norte: 'Esta povoação tomou, em 25 de dezembro do mesmo ano (1599), o nome de cidade de Natal'. Rafael Galanti (1911) '...uma povoação...que chama Natal, talvez porque inaugurou o seu pelourinho ou a sua igreja matriz no dia 25 de dezembro de 1598 ou 99'. Feri Agostinho de Santa Maria (1722) '...uma povoação...a que deram o nome de Cidade do Natal, que brevemente foi levantada com título de cidade'. São as fontes mais comuns e tradicionais<sup>18</sup>.*

E essa primeira construção, situada no logradouro público mais antigo da cidade, erguida majestosamente acima do rio, mas como quem humildemente a ele se inclina foi dedicada à Maria Santíssima com o título de Apresentação.

---

<sup>18</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. História da Cidade de Natal. p. 78.

Cabe ressaltar que o primeiro relato em que se encontra uma clara referência à Igreja e à cidade enquanto Natal é de 1614. Trata-se de uma “expedição” vinda de Pernambuco e conduzida pelo capitão mor desta capitania, Alexandre Moura, que tinha como objetivo constatar e registrar a doação de terras devolutas. Consta que um documento foi fixado “nas paredes da Igreja Matriz da cidade do Natal”.

A igrejinha presenciou ao longo de sua história muitos conflitos. Um deles trata-se da presença dos holandeses na capitania. Talvez por ser a igreja um espaço que impõe ao grupo uma certa hierarquização social, ela foi dominada e depois destruída pelos invasores. O templo foi reconstruído novamente em taipa e barro. Mas somente em 1672 uma reforma é iniciada para dar ao templo melhores condições, visto que era notadamente arriscada a permanência do que mais parecia ser ruína.

Outras reformas sucederam ao longo dos anos, mas a Igreja Matriz Nossa Senhora da Apresentação emerge como obra singular na paisagem urbana da cidade. Sua construção hoje, pouco lembra a antiga capelinha, mas ela permanece ali, no mesmo lugar e, se nos aventurarmos numa “incursão” por seu interior, seremos brindados com o passado que ali se faz presente. Da antiga construção ainda permanece a simplicidade, a leveza, a graciosidade que da capelinha que parecem remeter à história local. A igreja como construção central, dotada de equilíbrio como que pretendesse demonstrar estabilidade ou quem sabe, eternidade. Talvez seja mesmo só nas sensações que ela pode causar, a chave para compreendermos a sua significação, ontem e hoje. Sem ostentar suntuosidade, a Igreja Matriz parece um espaço homogêneo, uma nave central, duas capelas laterais. As paredes são largas, a fachada ainda possui traços do Barroco, embora o que prevaleça seja a simplicidade de suas formas que parecem dar ao espaço um caráter sagrado, impregnado de história, uma história também composta de tradições que parecem querer se perpetuar na memória que este espaço evoca enquanto testemunho.

O poeta, professor, estudioso e especialista do folclore nordestino, Deífilo Gurgel, nos alimenta com uma poesia reveladora de uma face de nossa cidade. A cidade e sua origem, reminiscências, marcas de uma história.

## HISTÓRIA DA CIDADE DO NATAL

*A Praça André de Albuquerque  
viu a cidade criança.  
A Catedral sabe histórias  
que nenhuma História conta.  
Caminhos de buscar água  
— rua Santo Antonio antiga.  
Na margem verde do Baldo  
dorme a Santa Cruz da Bica.  
Xarias e Canguleiros  
descansam no chão da História,  
depois de tantas batalhas  
e tantas perdidas glórias.*

*Itajubá, nas serestas,  
incendiava o luar,  
com seus versos delirantes  
de vento leste e de mar.*

*Auta de Souza morrendo,  
na Avenida Rio Branco,  
Lírio moreno, entre rosas  
sangüíneas e lírios brancos.*

*Praieiras de Othoniel  
tiritando na alvorada,  
entre acordes e soluços  
de violões em serenatas.*

*No velho Passo da Pátria,  
de patrióticas feiras,  
a manhã passava lenta  
sobre as louças das louceiras.*

*O trem passando na ponte,  
sobre o rio Potengi.  
Natal, perdi-me ou achei-me,  
depois que te conheci?*

*Os limites da cidade  
eram quatro: balaustrada  
de Petrópolis, Ribeira,  
Alecrim, Tirol. Mais nada.*

*Na calçada do Rosário  
Casculo e Sylvio Pedroza  
colhiam o sol do crepúsculo  
como alguém colhe uma rosa.*

*A cidade era uma Festa,  
no Natal e no São João,  
entre os sonhos de igualdade  
de Djalma Maranhão.*

*O bondinho do Tirol  
cochilava em cada esquina.  
Numa delas, descobri  
teu sorriso de menina.*

*Depois, o tempo passou,  
o bonde não voltou mais  
não voltou mais a cidade  
do meu tempo de rapaz.  
Agora, a cidade antiga  
cresce no tempo e no espaço  
e o progresso a moderniza  
a cada dia que passa.*

*Mas, os sonhos continuam  
os mesmos sonhos de outrora,  
acalentando a esperança  
que renasce a cada aurora.<sup>19</sup>*

Deífilo Gurgel.

A Natal que o autor descreve, parece ser uma cidade que se equilibra entre a lembrança e aquilo que não quer ser esquecido. A Natal que não deseja ser passado, mas que emerge em histórias, declarações, poesias, canções, relatos. A Natal que não se “esgota” Câmara Cascudo, Tavares de Lira, Itamar de Souza, Manoel Dantas, Djalma Maranhão e tantos outros que já se aventuraram a decifrá-la parecem apontar para o caminho de uma cidade que, tendo como berço uma capelinha, anda e se projeta como uma estrela, abaixo do céu e acima do mar, como nas afetuosas palavras de Nei Leandro de Castro:

*Um sino rompe de súbito  
sua condição de bronze  
e prolonga-se pelo ar.  
A liturgia da noite  
une rio ruas mar.<sup>20</sup>*

Nei Leandro de Castro

---

<sup>19</sup> GURGEL, Deífilo. História da Cidade do Natal. In: DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Cunha Pereira. Iniciação à Poesia do Rio Grande do Norte. pp. 47-49.

<sup>20</sup> CASTRO, Nei Leandro de. Extraído da edição comemorativa dos 400 anos de Natal, da Tribuna do Norte.

Impregnada de simbologia, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação é exemplar do patrimônio da cidade. Expressa uma carga de tradição presente em seu “majestoso” edifício. Concebido como espaço de cerimonial religioso, foi ao longo do tempo assumindo outras funções como o de ser o marco de fundação da Cidade. Hoje, incorporado ao patrimônio da cidade, representa também um espaço dotado do “poder” de representar a história, de reavivar a memória, de reproduzir um repertório que permite a comunhão dos povos.

### 3. NATAL: passado e presente intermeiam-se

*Eles (os historiadores) contribuem, conscientemente ou não, para a criação, demolição e reestruturação de imagens do passado que pertencem não só ao mundo, mas também a esfera pública, onde o homem atua como um ser político.*

*Eles devem estar atentos a esta dimensão de suas atividades.*

Eric Hobsbawn.

As imagens do passado, que inevitavelmente se perpetuam através dos tempos, sejam na forma de construções espaciais ou não, não podem permanecer adormecidas. São estas uma ponte que, na maioria das vezes, nos coloca em contato com experiências que muitas vezes julgamos, erroneamente, passado remoto e desvinculado da realidade. As imagens, aparentemente inertes, expressam uma linguagem que pode estar incrustada em paredes, fotografias, ruas, lembranças, expressões da cultura que carregam grande valor documental e, em síntese, são de extrema relevância para a compreensão da experiência humana enquanto produtora de cultura.

Procuramos entender a cultura como toda a produção material e imaterial que resulta da relação que um grupo organizado socialmente estabelece com outros grupos, com o próprio grupo, com o espaço que através dos tempos se transforma, mas que carrega em si a marca que exprime o significado de uma existência. Assim, a cultura abrange comportamentos, ações, crenças, rituais valores, práticas, instituições, expressões artísticas como a pintura, a música, a dança, a literatura entre outras. É também parte integrante desse universo, a culinária, o vestuário, a mobília, a habitação, os armamentos, as festas, as brincadeiras, os brinquedos, as danças, os tabus, os conceitos e preceitos. Emergem do pensamento, da fé, da vivência, das experiências. Recorremos a escritora Marilena Chauí para ilustrar o pensamento:

*Se, porém, reunirmos o sentido amplo e o sentido restrito, compreenderemos que a Cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística.*

*A religião, a culinária, o vestuário, o mobiliário, as formas de habitação, os hábitos à mesa, as*

*cerimônias, o modo de relacionar-se com os mais velhos e os mais jovens, com os animais e com a terra, os utensílios, as técnicas, as instituições sociais (como a família) e políticas (como o Estado), os costumes diante da morte, a guerra, o trabalho, as ciências, a Filosofia, as artes, os jogos, as festas, os tribunais, as relações amorosas, as diferenças sexuais e étnicas, tudo isso constitui a Cultura como invenção da relação com o Outro.<sup>21</sup>*

Marilena Chauí

A autora deixa claro que o Outro é a natureza seguida pelos deuses, os seres humanos diferentes de grupo, os antepassados e todos aqueles com quem os indivíduos de um grupo se relacionaram.

Não é nossa pretensão discutir conceitos ou preconceitos que podem resultar do entendimento acerca da divisão da cultura, mas procurar entendê-la como a que resulta em transformações de um espaço que expressa diferentes temporalidades através de seus testemunhos e em particular aqueles que são, antes de uma referência estética, uma referência histórica posto que também consolidam a maneira como a memória social foi construída.

É bastante ilustrativo o poema em que Manuel Bandeira apresenta sua cidade. Uma cidade enquanto espaço impregnado de significação. Uma significação construída na influência e se perpetuando na memória. É assim que ele olha para a cidade, buscando um significado que o tempo parece ter destruído. A cidade passa então a ser fonte de saudade e uma melancolia parece invadir o poeta que deseja encontrar a cidade que ele aprisionou com tudo que nela havia de ingênuo, de belo, de eterno. A modernidade de Manuel Bandeira legitima a contemporaneidade de seus versos. Passado e presente se intermeiam no poema.

#### EVOCÇÃO DO RECIFE

*Recife  
Não a Veneza americana  
Não a Mauritsstad dos armadores das Índias  
Ocidentais  
Não o Recife dos Mascates  
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois  
Recife das revoluções libertárias  
Mas o Recife sem história nem literatura*

---

<sup>21</sup> CHAUI, Marilena. Convite à Filosofia. p. 289.

Recife sem mais nada  
Recife da minha infância  
A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado  
e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas  
Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê  
na ponta do nariz  
Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com  
cadeiras  
Mexericos, namoros, risadas  
A gente brincava no meio da rua  
Os meninos gritavam:  
Coelho sai!  
Não sai!  
A distância, as vozes macias das meninas  
politonavam:  
Roseira dá-me uma rosa  
Craveiro dá-me um botão  
Dessas rosas muita rosa  
Terá morrido em botão  
De repente  
nos longos da noite  
um sino  
Uma pessoa grande dizia:  
Fogo em Santo Antônio!  
Outra contrariava: São José!  
Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.  
Os homens punham o chapéu saíam fumando  
E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver  
o fogo.  
Rua da União...  
Como eram lindos os montes das ruas da minha  
infância  
Rua do Sol  
(Tenho medo que hoje se chame de dr. Fulano de Tal)  
Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...  
...onde se ia fumar escondido  
Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...  
...onde se ia pescar escondido  
Capiberibe- Capiberibe  
Lá longe o sertãozinho de Caxangá  
Banheiros de palha  
Um dia eu vi uma moça nuinha no banho  
Fiquei parado, o coração batendo  
Ela se riu  
Foi o meu primeiro alubrimento  
Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços  
redemoinho sumiu  
E nos pegões da ponte do trem de ferro  
os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras  
Novenas  
Cavalhadas  
E eu me deitei no colo da menina e ela começou  
a passar a mão nos meus cabelos  
Capiberibe- Capiberibe

*Rua da União onde todas as tardes passava a preta  
das bananas  
Com o xale vistoso de pano da Costa  
E o vendedor de roletes de cana  
O de amendoim que se chamava midubim e não era  
torrado era cozido  
Me lembro de todos os pregões:  
Ovos frescos e baratos  
Dez ovos por uma pataca  
Foi há muito tempo...  
A vida não me chegava pelos jomais nem pelos livros  
Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
Língua certa do povo  
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil  
Ao passo que nós  
O que fazemos  
É macaquear  
A sintaxe lusíada  
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia  
bem  
Terras que não sabia onde ficavam  
Recife...  
Rua da União...  
A casa de meu avô...  
Nunca pensei que ela acabasse!  
Tudo lá parecia impregnado de eternidade  
Recife...  
Meu avô morto.  
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro  
como a casa de meu avô.<sup>22</sup>*

Manuel Bandeira. *Antologia Poética*. 1986.

A mesma sensação de melancolia e saudosismo que o poeta Manuel Bandeira exprime nos seus versos, parece ser a que também invade o escritor do Rio Grande do Norte, Esmeraldo Siqueira. Em sua poesia encontramos um veio memorialista que procura descrever o passado de maneira minuciosa, cuidadosa e saudosista.

#### OS BONDES DE NATAL

*Era uma vez a velha cidade,  
Modorrentamente sossegada  
Nas suas ruas quase desertas.  
Tin há, no entanto, a graça ingênua,  
Que a natureza lhe transmitira  
Seus bairros simples... Quem diria,  
Ao vê-los hoje tão flamantes!  
Cada um deles se distinguia*

<sup>22</sup> BANDEIRA, Manuel. *Antologia Poética*. p. 180.

*Pela lanterna dos bondezinhos.*

*De longe, à noite, se avistava  
O colorido das lanternas.  
Lanterna verde – a do Alecrim,  
Bairro dos pobres operários.  
Cidade Alta, Cidade Baixa ou Ribeira,  
Bairros burgueses, comerciais,  
– Luz amarela.  
Tirol dos sonhos e dos amores,  
De tantos sítios e de morros tristes,  
– Lanterna roxa.*

*A luz vermelha de Petrópolis,  
Rompendo a mata, parecia  
Uma gigantesca lagarta-de-fogo  
Roxa, vermelha, verde, amarela,  
Ó lanterninhas dos velhos bondes,  
Não mais brilhastes em nossas ruas!  
Veio o Progresso, dragão enorme,  
E para sempre vos apagou<sup>23</sup>.*

Acreditamos que a cidade constitua-se num panorama que projeta a história, não sendo apenas objeto de celebração. É uma fonte inesgotável para o constante exercício que desafia nossa capacidade crítica para perceber as permanências, as transformações, o que levou a estas, a experiência estética, a necessidade de ampliação, de reformulações, de criações e até que ponto o “antigo” convive com o “novo”. A cidade “surge e anda”. Ora vagarosamente, ora apressadamente. O seridoense Manoel Gomes de Medeiros Dantas, jornalista, ensaísta, fotógrafo, geógrafo, educador e bacharel em Direito, em um de seus registros sobre Natal do início do século XX assim a descreveria:

*Ó tu, cidade bendita, que soubeste viver sob o sudário  
de areia, sem blasfemar a vida;  
Ó tu, que escreveste a primeira epopéia da coragem  
guerreira de Felipe Camarão;  
Ó tu, que engendraste a alma forte de Miguelinho e o  
espírito varonil de André de Albuquerque;  
Ó tu, que presidiste a eclosão da atividade industrial de  
Juvino Barreto e da caridade cristã de João Maria;  
Tu, que foste o berço onde se aninhou o sonho alado  
de Severo e a crisálida donde partiu o gênio criador de  
Pedro Velho;*

---

<sup>23</sup> SIQUEIRA, Esmeraldo. Os bondes de Natal. In: LIMA, Diógenes da Cunha. Natal – Biografia de uma cidade. p. 120.

*Tu, que Auta de Souza purificou com a prece  
imaculada de seus versos e Segundo Wanderley  
enalteceu com os arroubos de sua inspiração.  
Surge et ambula.<sup>24</sup>*

TRIBUNA DO NORTE. Natal, RN, 1999.

Reminiscências, quem sabe de uma alma poética que já antecipava o futuro da “cidade que se veste de sol” e parece possuir o poder que emana de uma história que não deseja ser passado, mas que permanece palpitante na vida urbana dessa jovem cidade que, na alvorada de seus 400 anos debruça-se sobre o rio e sobre o mar, tendo como testemunho incontestável a Fortaleza dos Reis Magos, primeira obra da arquitetura edificada no Rio Grande do Norte. Uma fortaleza que em suas linhas apresenta uma arquitetura de acordo com as orientações do modelo arquitetônico do Renascimento embora agregue a esse aspecto, outros que são, particularmente, característicos de um contexto local, como por exemplo, os materiais que foram usados em sua edificação, a mão-de-obra empregada e, acima destes, a condição de, enquanto aquela que por muito tempo representava a construção do poder local, presenciar os fatos que silenciosamente estão guardados em seu interior, portanto é este monumento um expressivo marco da história local.

Assim como a Fortaleza dos Reis Magos, a Igreja Nossa Senhora da Apresentação, referência para a história local, é um relevante monumento não só da arquitetura da cidade, mas e principalmente, uma obra que compõe majestosamente o patrimônio cultural.

A Igreja que viu a cidade nascer, cobre de luz a praça André de Albuquerque. Outrora as festas religiosas que tinham esse espaço como palco, eram grandiosas e reuniam a comunidade local em celebrações importantes como o Domingo de Ramos, a Procissão dos Passos, o Domingo da Ressurreição, a festa da padroeira, os festejos natalinos com autos populares. Um misto de lazer e prazer, de profano e religioso. Tudo se irmanava diante do olhar sereno da Padroeira que do alto da matriz abençoava a todos.

---

<sup>24</sup> DANTAS, Manoel Gomes de Medeiros. Extraído da Tribuna do Norte, 1999.

Passados mais de quatrocentos anos a Igreja permanece impregnada de uma "onipotência" natural, faz compondo de maneira singular a paisagem urbana da praça André de Albuquerque e, portanto, da cidade.

É por entendermos que estas e tantas outras "obras" que nascem da arte e da "engenharia" humanas são de inestimável valor para o entendimento e a valorização de um patrimônio que não se restringe a ser local, mas também nacional. A Fortaleza dos Reis Magos e a Igreja Matriz Nossa Senhora da Apresentação requerem de nós um olhar que possa nos revelar que, antes de tudo, constituem uma síntese das reservas do nosso patrimônio, pois de maneira uníssona, testemunharam o momento em que Natal nasceu refletindo um sentido que é também universal. Nestes monumentos estão embutidas memórias atávicas, heranças de nossa história e, assim sendo requerem uma postura de consciência que possa evidenciar seu valor sob pena de cair no esquecimento. Em um de seus escritos, o autor Milan Kundera, declara:

*"Para liquidar os povos, começa-se por lhes tirar a memória. Destroem-se seus livros, sua cultura, sua história. E uma outra pessoa lhes escreve outros livros, lhe dá outra cultura e lhes inventa outra história".*

De acordo com o Dicionário Aurélio, preservar significa "livrar de algum mal; manter livre de corrupção, perigo ou dano; conservar; defender; resguardar; proteger." Todo esse arsenal de ações requer, antes de mais nada, que cada um possa estabelecer com os bens que compõem o patrimônio, um sentimento de pertencer, fazer parte. É preciso entender que todo esse universo, inequivocamente, representa um forte elo da nossa identidade. Do contrário estaríamos a mercê de forças que, como disse o autor Milan Kundera, nos roubarão, inclusive, a memória.

Se a pretensão é proteger do mal, preservando as características dos bens que compõem o nosso patrimônio, patrimônio este que revela o viver de uma sociedade, suas experiências, suas lutas, seus medos, seus anseios, seus valores, sua história, deve-se necessariamente estabelecer condições que propiciem a sua conservação e sobrevivência. Desse modo estaremos garantindo a perpetuação de uma história, bem como mantendo viva a identidade de um grupo.

Esta tarefa requer cuidado, envolvimento, entendimento. É preciso buscar no passado respostas para o presente. Entendê-lo como dinâmico, rico em registros, vestígios, ora frágeis, abstratos, aparentemente indecifráveis, ora ostentando grandiosidade, onipotência do que pretende ser eterno. Mas num ou noutro caso são incomparáveis tesouros que possuem a singularidade de também constituir rica fonte de documentação para esta tarefa de estabelecer suas relações com a atualidade, passíveis de inúmeras leituras que podem revelar transformações e/ou permanências que acabam por moldar um determinado modo de viver, comum a um povo, resultante de um processo cultural. Um processo moldado por um saber fazer que implica o surgimento de peculiaridades ressaltadas em cores, sons, sentidos, movimentos, sabores, saberes. Às vezes são espontâneas, noutras são forjadas por circunstâncias que podem envolver as esferas políticas, social e econômica, religiosa. Mas são, sobretudo, carregadas de grande significado, um significado expresso na própria existência. Existência que só podemos descobrir através dos sentidos, pois como disse o poeta Fernando Pessoa, o significado das coisas está em sua existência, sendo que essa existência é o seu próprio significado e, para entendê-lo, precisamos experimentar as sensações que as coisas despertam em nós.

... XXXIX

*O mistério das coisas, onde está ele?  
Onde está ele que não aparece  
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?  
Que sabe o rio e que sabe a árvore  
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?  
Sempre que olho para as coisas é penso não que os  
homens pensam delas,  
Rio como o regato que soa fresco numa pedra.  
  
Porque o único sentido oculto das coisas  
É elas não terem sentido oculto nenhum,  
É mais estranho do que todas as estranhezas  
E do que os sonhos de todos os poetas  
E os pensamentos de todos os filósofos,  
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser  
E não haja nada que compreender.  
Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos:  
- As coisas não têm significação: têm existência.  
As coisas são o único sentido oculto das coisas.<sup>25</sup>*

Fernando Pessoa

<sup>25</sup> PESSOA, Fernando. XXXIX. In: INFANTE, Ulisses. Textos: Leituras e escritas, literatura, língua e redação. p. 276.

Devemos, sob pena de termos nossa memória “roubada”, garantir a preservação do que tem significado, ou melhor, de tudo que por ter existência, implica em significado e assim abrangê um amplo repertório de elementos que tão bem compõem o nosso Patrimônio Cultural.

Cabe ainda ressaltar que preservar não é uma tarefa que se restringe a guardar, vai muito além. Preservar e procurar manter vivos os usos, os rituais, os costumes, as festas, as músicas, as danças, as lendas, as construções, as armas, os utensílios e demais bens que testemunham as relações culturais de uma sociedade.

Nesta perspectiva o nosso olhar repousa sobre os dois exemplares do patrimônio de nossa cidade, a Fortaleza dos Reis Magos e a Igreja Matriz Nossa Senhora da Apresentação. São apreciações que procuram, recorrendo inclusive às impressões de poetas que, sob um ponto de vista literário, também se dedicam aos temas urbanos. Vêem a cidade como um suporte da memória, capaz de revelar, na essência, aspectos da vida dos que compartilharam de sua construção e dos que nela vivem.

Um passeio através das ruas que levam a essas duas construções, as pioneiras de Natal, é capaz de nos colocar diante da amplitude desse patrimônio bem como das mudanças que a cidade sofreu. Ruas, jardins, avenidas, becos, praças projetam um novo traçado para a cidade, mas não são, felizmente, suficientes para ocultar a beleza que lhe confere o título de “cidade vestida de sol”, pelo contrário, Natal não deixou que o “progresso” escondesse o Forte, monumento que testemunhou seu nascimento. A cidade que nasceu diferentemente da maneira como nasceram a maioria das cidades brasileiras que, como descreve Paulo Cursino de Moura, assim surgiram:

*Para a formação de uma rua, primeiro fazem os pés dos viandantes o trilho, [...]. Depois, vem o caminho. Aí a enxada trabalhou. [...] Mais tarde, a estrada. Com nome, com cerca, com algum pedaço de muro, com duas ou três casas, com a venda na encruzilhada. Finalmente, surge a rua. A cidade, então, já tem Câmara Municipal, já tem vigário<sup>26</sup>.*

---

<sup>26</sup> MOURA, Paulo Cursino de. IN. BRESCIANNI, Maria Stella M. História e Historiografia das Cidades, um percurso. p. 239.

Nossa Natal teve como marco de sua fundação uma capelinha, hoje a Igreja Matriz Nossa Senhora da Apresentação. Monumento que, juntamente com o forte, assiste ainda hoje, a nova configuração que a cidade vem ganhando como meio de imprimir-lhe modernidade. Mas as edificações erguidas não devem interromper esta dinâmica de uma história que se pretende decifrar através das marcas indeléveis que seus monumentos exprimem.

Embora exista uma lei municipal que trata da preservação de uma área tida como Zona Espacial de Preservação Histórica que abrange "prédios e sítios notáveis pelos valores históricos, arquitetônicos, culturais e paisagísticos", entendemos que o valor que se pretende conferir ao nosso patrimônio a ponto de eternizá-lo através de seus bens, não deve ser função apenas da esfera do poder público, mas acima desta, uma tarefa de cada cidadão que deve, conscientemente, perceber cada monumento como parte do espaço em que está inserido e sua relação como grupo, sua contribuição para a história desse grupo, a importância deste enquanto representante de nossa autenticidade cultural, portanto, parte de nossa identidade.

É impossível não recorrer novamente a escritora Zila Mamede para falar de identidade. Acredita-se que é identidade, ou melhor, a procura dessa, que o texto abaixo procura refletir:

#### *RUA TRAIRI*

*Nos cubos desse sal que me encarcera  
(pedra, silêncios, picaretas, luas,  
anoitecidos braços na paisagem)  
a duna antiga faz-se pavimento.*

*Meu chão muda em novos alicerces,  
sob as pedreiras rasgam-se meus passos;  
e a velha grama (pasto de lirismos)  
afoga-se nos sulcos das enxadas,*

*nas ânsias do caminho vertical.  
Ao sonho das areias abandonam-se  
nesta rua vívidos fantasmas*

*de seus rios-meninos que descalços  
apascentavam lamas e enxurradas.  
Meu chão de agora: a rua está calçada.<sup>27</sup>*

Zila Mamede

---

<sup>27</sup> MAMEDE, Zila. Rua Trairi. IN: LIMA, Diógenes da Cunha. Natal Biografia de uma cidade. p. 259

A Natal provinciava, das noites enluaradas, das cadeiras nas calçadas, dos dias que passavam vagarosamente, das “histórias” que brotavam e fluíam como o cheiro de jasmim e a beleza do alecrim. As ruas ganharam asfalto, as praças se alargaram. A luz do lampião é substituída pela iluminação elétrica (em 1905 a única era a do cruzeiro que ficava em frente à Igreja Matriz). Edifícios brotam do chão e dão novo formato à cidade. A poeta Zila Mamede nos remete a esse momento de mudança, e vem com a nostalgia, o lirismo, a estranheza diante do “inusitado concreto”. O rio parece se afastar da cidade. Ou será que a cidade que vai se afastando do rio? Deífilo Gurgel declara: “A cidade é outra”. Ele observa que Natal cresceu em todas as direções, o toque do progresso chega a capital provinciana. Outro que atesta estas mudanças é Vicente Serejo “Para viver outra vez é preciso que se olhe sua fotografia antiga”. Mas o poeta Mário de Andrade, em visita à cidade em 1927, afirma “A rua está viva”.

Natal “vive e anda”. Ela que surgiu da política colonial imposta por Portugal, que tinha como objetivo defender a terra potiguar dos franceses e abrir uma frente de conquista em direção ao norte, atestou a miscigenação que em seu solo, como também no solo de todo o país, brotou da bravura do índio, da “determinação” do branco e, em menor escala nesta capitania, da força do negro. É a cidade dos Reis, é a Cidade do Sol, das praias, do Rio. É ainda menina, apesar de sua idade quatrocentista inspirar muitas leituras. Antigas e novas gerações se voltam para a tarefa de contar e cantar sua unicidade. É a Natal berço de Poti, a dos pescadores, a dos amores, como na antológica “cantiga” de Otoniel Menezes que ficou celebrizada como Praieira.

#### SERENATA DO PESCADOR

*Os perigos da tormenta  
Não se comparam, querida,  
às dores que experimenta  
a alma na dor perdida,  
nas ânsias da partida  
Adeus à luz que desmaia,  
nos coqueirais, ao sol-pôr...  
e, bem pertinho da praia  
o albergue, o ninho, o amor  
do humilde pescador!*

*Quem vê ao longe, passando,  
uma vela panda, ao vento,  
não sabes quanto lamento  
vai nela soluçando,  
- pátria procurando!  
Praieira, meu pensamento,  
linda flor, vem me escutar  
a história do sofrimento  
de um nauta, a recordar  
amores sobre o mar!*

*Praieira, linda entre as flores  
deste Jardim Potiguar!  
Não há mais fundos horrores,  
iguais a este mar,  
- passados a lembrar!  
A mais cruel noite escura,  
nortadas e cerração  
não trazem tanta amargura  
como a recordação,  
que aperte o coração!*

*Se, às vezes, seguindo a frota,  
pairava uma gaivota,  
logo eu pensava bem triste:  
"O amor que lá deixei,  
Quem sabe se ainda existe?"  
Ela, então, gritava triste:  
- "Não chores! Não sei! Não sei..."  
E eu, sempre e sempre mais triste,  
Rezava a murmurar:  
- "Meu Deis, quero voltar!"*

*Praieira do meu pecado,  
morena flor, não te escondas,  
quero, ao sussurro das ondas  
do Potengi amado,  
dormir sempre ao teu lado...  
Depois de haver dominado  
o mar profundo e bravio,  
à margem verde do rio  
serei teu pescador,  
ó pérola do amor!<sup>28</sup>*

No que se refere à normatização dos novos contornos que a cidade recebia, o primeiro plano diretor para Natal veio em 1905 e ficou conhecido como Plano Polidrelli. O plano demarcava ruas, avenidas, cruzamentos, praças. Na época, Natal ainda possuía os ares de provinciana. A Fortaleza e a Matriz

---

<sup>28</sup> MENEZES, Otoniel. Serenata do Pescador. . IN: LIMA, Diógenes da Cunha. Natal Biografia de uma cidade. p. 230.

“reinavam” soberanamente. Era como se a cidade sobrevivesse à modernidade. Mas eis que ela, vagarosamente, chegava e com ela a necessidade de determinar a importância de seus logradouros, seus prédios, seus monumentos para a cidade e sua história. Era preciso, dentro da diversidade encontrar a unidade que tão bem caracteriza a cidade e por consequência sua história. Como já foi referido, cada grupo constrói o seu modo de viver social que se pretende ser permanente, mesmo sabendo que ele se transforma ao longo de sua existência, pois no seio deste existe a história e, portanto, a mudança. Pensar a Natal de ontem e a Natal de hoje é entender como os elementos de uma camada pensam. Entendendo ainda que este pensamento se constrói entre o indivíduo e o grupo e deste resultam idéias desse universo do qual faz parte. Nesse sentido consolidam-se os laços de uma identidade reforçada nas lendas, nos mitos, nas origens, nos costumes, nas histórias, nas celebrações, nas credences, nos escritos literários, nas cantigas, nas comidas, nas construções, em toda arte e em toda a técnica.

O engenho e a arte fizeram brotar a Natal que teve como berço a primitiva capelinha que felizmente, ainda se faz presente no altar-mor da Matriz Nossa Senhora da Apresentação ostentando, embora de maneira simples, algumas formas do Barroco. A Igreja permanece ali, na mesma praça, testemunhando “silenciosamente” os rancos dos motores da modernização, resistindo como um tesouro inexcedível. Guarda, como a história, rostos, nomes, vultos. Presenciou o surgimento de ruas, becos, construções que aos poucos foram dando novo contorno à cidade, mas abriga a simplicidade de quem humildemente deu origem a Natal. É assim que ela se apresenta nas palavras de Newton Navarro:

*Natal nasceu num Natal.  
É mesmo um presépio.  
Tem do estábulo divino  
a humilde beleza  
do nome e do símbolo.<sup>29</sup>*

De grande expressividade são também as palavras com que Dorian Gray se refere à cidade:

---

<sup>29</sup> Extraído da Tribuna do Norte, na Edição comemorativa dos 400 anos de Natal.

*Pedra como convém  
a cada um, na solidão comum,  
a cidade com seu casario  
repete-se dentro do rio.<sup>30</sup>*

E outro escritor também, ao nosso olhar, parece fazer a sua declaração:

*Restos de infância e graça:  
cinema de bairro, carrossel na praça  
e o mar, quatro festas do ano.*

*Mas o corpo é belo e passa:  
frágil alvenaria, perecível massa.  
Hoje te amo.<sup>31</sup>*

Paulo de Tarso Correia de Melo

É esta a cidade que inspira poetas, historiadores, amantes, anônimos. É a cidade que deseja ver sua história lembrada, registrada, vivida. Eis a Natal, patrimônio que “surge e anda”.

---

<sup>30</sup> Extraído da Tribuna do Norte, na Edição comemorativa dos 400 anos de Natal.

<sup>31</sup> Idem.

## CONCLUSÃO

*Se você não conhece a História, nada conhece.  
Você é uma folha que não sabe que é parte de uma  
árvore.*

Michael Crichton

Percorrer essa trajetória que conduz à origem da história de nossa Natal foi buscar lançar um novo olhar sobre esta jovem cidade, que apesar dos seus poucos mais de quatrocentos anos, ainda esconde belíssimos tesouros. São ruas, becôs, praças, esquinas, casarios, edifícios que emergem ante as “bênçãos” do forte e da igreja e que testemunham todo esse processo desde sua origem. São histórias, muitas histórias ainda por contar. Histórias que refletem a coragem, a alegria, a simplicidade de um povo, riqueza maior deste solo.

Esta experiência que se relatou, sem grandes pretensões, pretende se somar a tantas outras, para juntas constituírem-se o que pode ser mais um a referência para um trabalho de conscientização acerca do patrimônio da cidade de Natal.

Procurar olhar, olhar e ver, ver e entender o que antigas construções, “velhas” paredes, paisagens que não podem ficar despercebidas, estão a revelar. Tudo ao nosso alcance, elos de uma corrente que ligam passado e presente, da qual somos também parte e não podemos prescindir sob pena de perdemos nossa identidade.

Pode-se mesmo afirmar que, conhecer e reconhecer esta Natal “primitiva” implícita nos seus dois mais antigos monumentos, foi descobrir o valor do rico patrimônio desta cidade. E acredita-se que é preciso, continuamente, trilhar o caminho que possa levar a construção de uma consciência para a preservação deste patrimônio como meio de garantir a sobrevivência do rico legado que o povo, a seu modo, vai deixando ao longo do tempo. Legado artístico, religioso, cultural. Legado que às vezes se liberta de padrões preestabelecidos por épocas, estilos, conceitos. Noutras, expressa exemplarmente o pensamento de uma época e então segue, rigorosamente os estilos, modelos, conceitos que a definem. Porém, é mais importante perceber, que tanto num caso como no outro, o que se “percebe” como patrimônio está

impregnado de cores, de ritmos, de sons, de linguagens, de credos e tudo o mais que define exemplarmente a sua diversidade.

Procurou-se, numa abordagem em que a história pudesse também ser contemplada pela lírica dos amantes da Cidade, perceber esta "infinitude" presente no patrimônio de Natal e expressa em duas de suas relevantes construções do período colonial, a Fortaleza dos Reis Magos e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação. Acredita-se que esses monumentos são a evidência de uma obra que abarca um valioso conjunto de bens e que manifestam grande representatividade para a história local. Enquanto patrimônio, são simultaneamente, um fiel testemunho da identidade local bem como referências para um maior entendimento acerca da origem da cidade. Evocam uma ressonância própria de um viver social, de um compartilhar de idéias, de desejos, de pensamentos, de rituais.

É preciso esclarecer que, nem sempre o que hoje se nos apresenta como monumentos constituintes de um patrimônio foram assim "pensados". Por muito tempo permaneceram como "simples" edificações do poder. Hoje procura ser mais. Evoca uma história de luta, de domínio, de resistência, de vida. Evidencia uma existência. Nestor Garcia Canclini afirma que "quando se ocupa um território, o primeiro ato é apropriar-se de suas terras, frutos, minerais e, é claro, dos corpos de sua gente, ou ao menos do produto de sua força de trabalho". Por isso é diante das contradições do mundo moderno que parece querer "apagar" o passado, cada vez mais se tem procurado "depositar" nesses monumentos o poder de nos remeter a um passado "glorioso" impregnado de significado, ou melhor, de existência. E como referência que são para a apreensão de um patrimônio eis que deles emergem um incessante convite à preservação, à revitalização, ao entendimento da dimensão que expressam enquanto testemunhos inquestionáveis de uma história local. Ecoam também desse mesmo entendimento às várias leituras que aqui se buscou apresentar. São elas capazes de remeter à identidade. Identidade como um elo eloqüente que um povo estabelece com um espaço, em um determinado tempo, construindo um viver social. E é por isso que "as coleções patrimoniais são necessárias, as comemorações renovam a solidariedade afetiva, os monumentos e museus se justificam como lugares onde se reproduz o sentido que encontramos ao viver junto".

Cabe neste contexto ilustrar o valioso papel desempenhado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que sem nenhum equívoco é de extrema relevância para a preservação do patrimônio de maneira que, “vivo, permaneça para perpetuar uma autenticidade que nele se procura implicitar”.

E o que se pode dizer diante de tantas épocas vividas sob a égide desses patrimônios? Resposta difícil! Assim mesmo arrisca-se um palpite. Esses patrimônios são, na verdade, perenidades de consciência humana, moral, cultural, religiosa, histórica.

Foi nesta perspectiva que se ousou traçar um caminho, aquele que como definiu Mário de Andrade, quando num gesto de vanguarda buscou legitimar a consciência de nossa brasilidade, nos levando a conhecer o passado, pois “o passado é lição para meditar, não para reproduzir”. E aqui se projeta uma incursão pelo universo literário expresso pelo poeta Guimarães Rosa, talvez para dizer que não se chegou ao fim, afinal:

*O importante e bonito do mundo, é isto:  
que as pessoas não estão sempre iguais,  
ainda não foram terminadas  
Mas que elas vão sempre mudando.  
Afinam e desafinam.  
Verdade Maior.  
É o que a vida me ensinou.<sup>32</sup>*

---

<sup>32</sup> ROSA, Guimarães. In: INFANTE, Ulisses. Textos: Leituras e escritas, literatura, língua e redação. p. 377.

## BIBLIOGRAFIA

- ALFRED.W, Crosby. **A mensuração da realidade.** A quantificação e a sociedade Ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BANDEIRA, Manuel. **Antologia poética.** 16ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986
- BRESCIANNI, Maria Stéla M. in: **Historiografia brasileira em perspectiva.** Marcos Cezár de Freitas (Org.). São Paulo: Contexto, 1998.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil 1988. Centro de Documentação e Informação Coordenação de Publicações. Brasília, 1996.
- BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_.(Org.). **A Escrita da História.** Novas Perspectivas. Tradução: Magda Lopes. 2ed.São Paulo: Unesp, 1992.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas.** São Paulo: USP, 2003.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** Rio de Janeiro: MEC – Serviço de Documentação – departamento de Imprensa Nacional: 1995.
- \_\_\_\_\_. **Nomes da terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte.** Natal: Fundação José Augusto, 1968.
- CHARTIER, Rôger.**Cultura Escrita, Literatura e História.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 1994.
- DUARTE, Constância Lima; MACÊDÓ, Diva Cunha Pereira. **Iniciação à poesia do Rio Grande do Norte.** Belo Horizonte: Edições Limiar, 1999.
- FERRO, Marc. **A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação.** A História dos Dominados em Todo o Mundo. Tradução: Wladimir Araújo. São Paulo: IBRASA, 1983.
- GALVAO, Hélio. **História da fortaleza da barra do rio grande.** 2ª edição. Natal: Fundação Hélio Galvão: Scriptorin Candinha Bezerra, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.
- HOBSBAWM, Eric. E RANGER, Terence. (Org.).**A invenção das tradições.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INFANTE, Ulisses. **Textos: leituras e escritas, literatura, língua e redação.** 1ª edição. São Paulo: Scipione, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 3ed. São Paulo: UNICAMP, 1994.

LEMOS, Carlos A.C. **O que é patrimônio histórico.** 5ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LIMA, Diógenes da Cunha. **Natal – Biografia de uma cidade.** Lidador. Rio de Janeiro, 1999.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Terra Natalense.** 1ª edição. Natal: Fundação José Augusto, 1991.

MOURA, Pedro. **Fatos da História do Rio Grande do Norte.** 1ª ed. Cia Editorial do Rio Grande do Norte. Natal, 1986.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História – a problemática dos lugares.** In: Projeto de História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, nº 10, São Paulo: Educ, 1993.

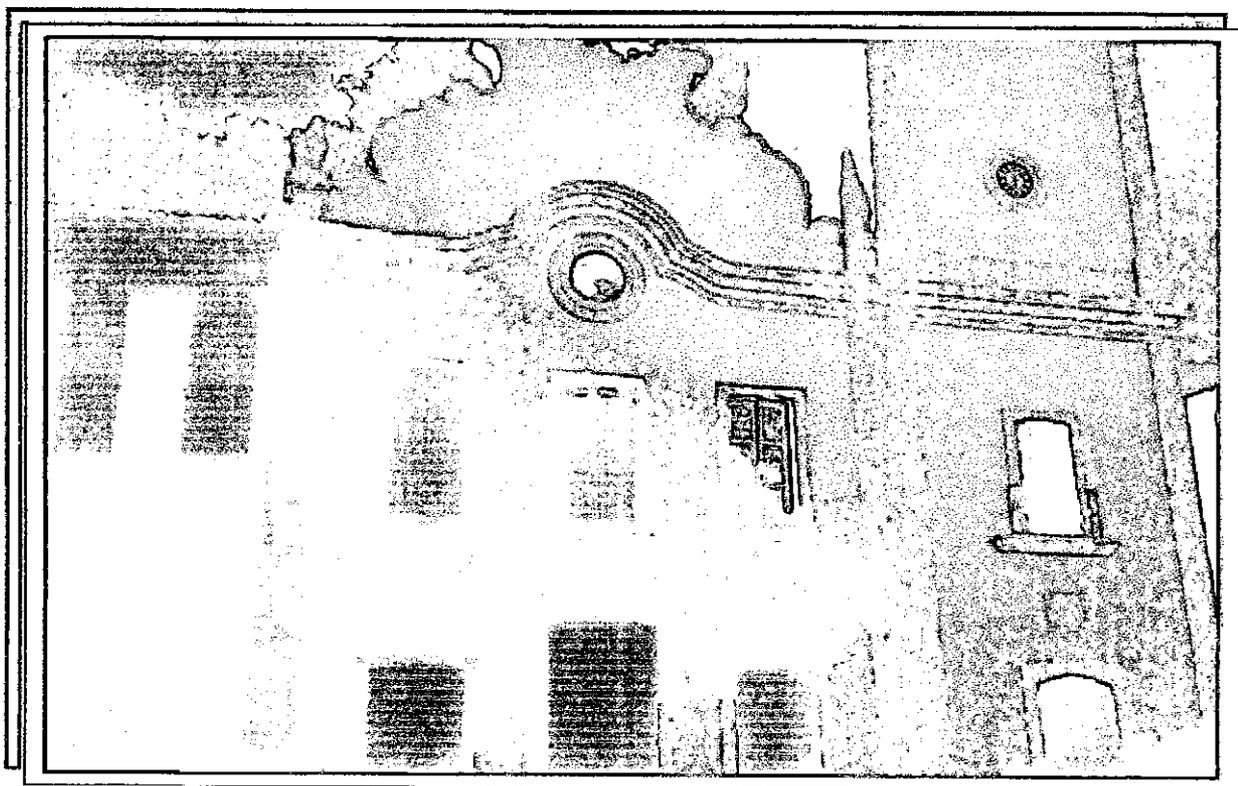
NICOLA, José de. **Literatura brasileira: das origens dos nossos dias.** 16ª edição. São Paulo: Scipione, 2004.

SANTOS, MYRIAN S. **Objetos, Memória e História.** Observação e Análise de um Museu Histórico Brasileiro. In: Revista de Ciências Sociais, Vol.35, nº 2. Rio de Janeiro: 1992.

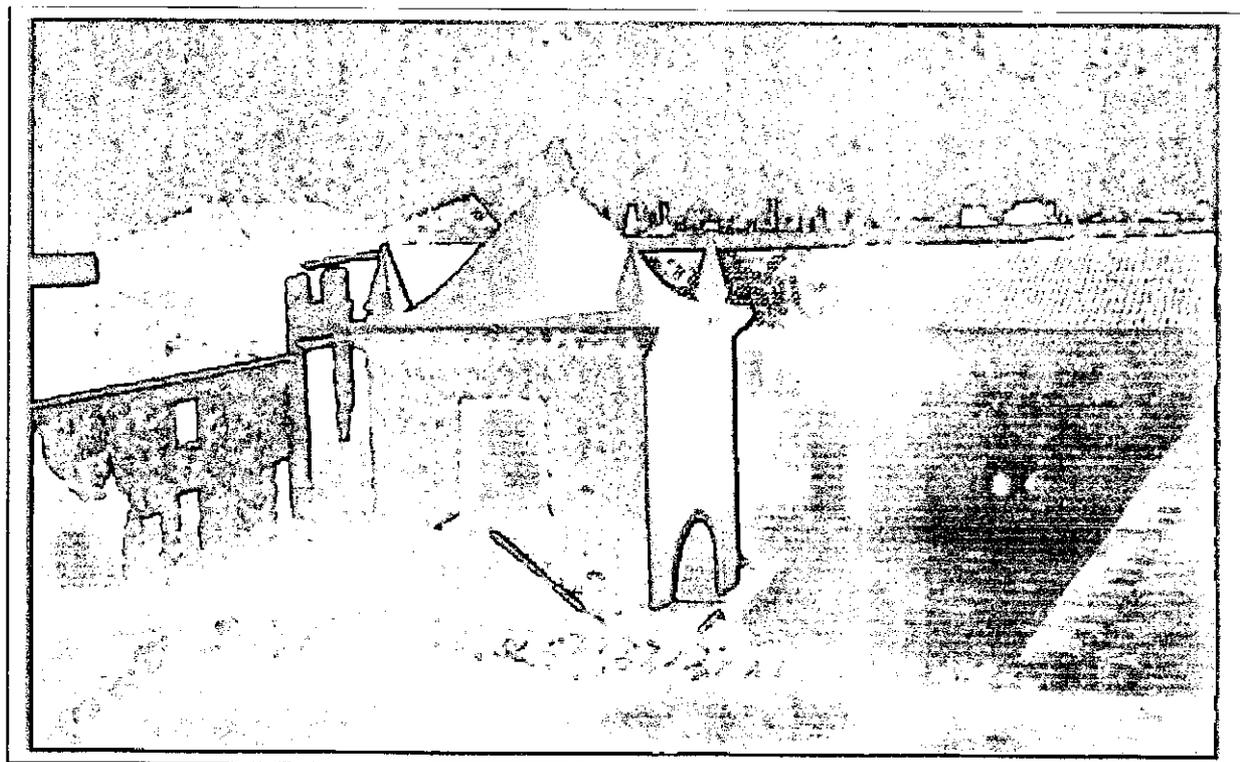
SEREJO, Vicente. **O' Natal surge e anda!** Circunavegação em torno do futurismo de Manoel Dantas. Tribuna do Norte, Natal, 25 de dezembro, 1999.

TRIBUNA DO NORTE. Edição Especial em comemoração aos 400 anos da cidade do Natal. 1999.

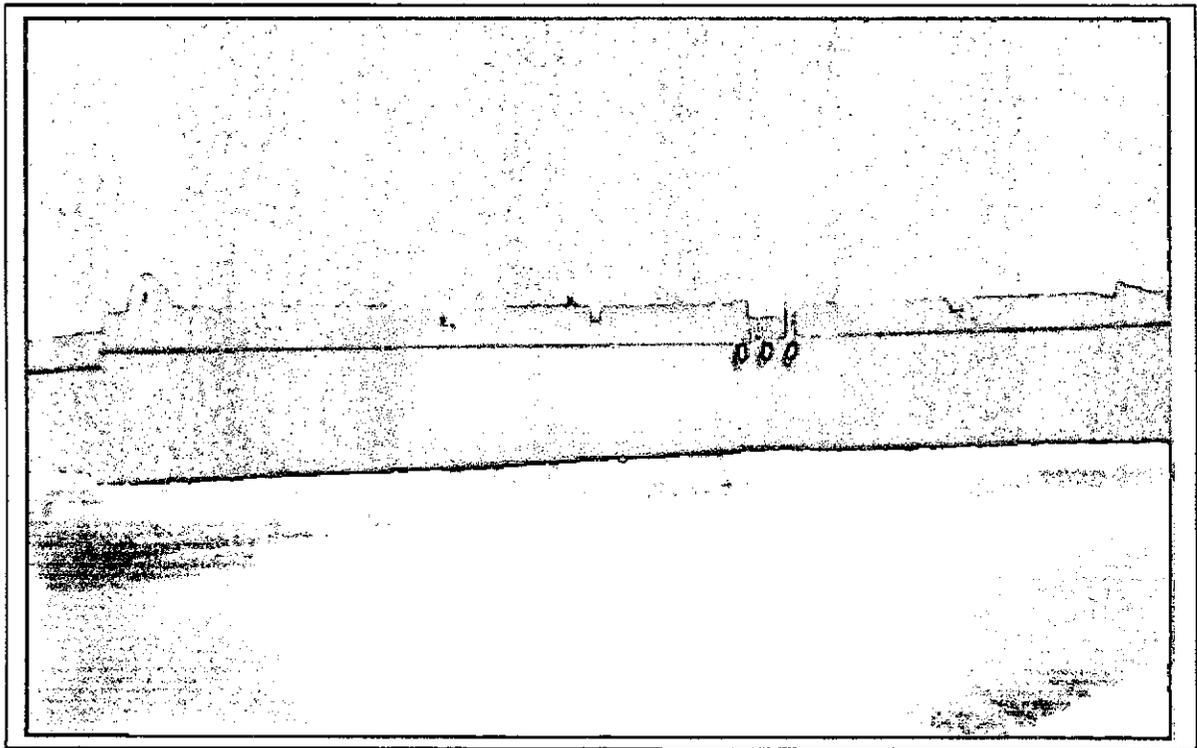
## **ANEXOS**



*Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação*



*Fortaleza dos Reis Magos*



*Fortaleza dos Reis Magos*